

FORMAÇÃO DISCURSIVA: UM CONCEITO AINDA EM DEBATE

Alfredina Rosa Oliveira do Vale¹ (UEPB/UFPE)

PALAVRAS PRIMEIRAS

Nossa proposta, ao produzir este artigo, não é fazer parte da lista daqueles que se propuseram a desvendar os pontos de convergências e divergências entre as noções de Michel Foucault e Michel Pêcheux – as duas pilastres da chamada Análise do Discurso francesa – a respeito do conceito de “formação discursiva”. Dos estudiosos que se propuseram a fazê-lo, dois nomes certamente se sobressaem – Denise Maldidier e Jean-Jacques Courtine –, por se tratarem de participantes ativos do grupo de Análise do Discurso fundado por Michel Pêcheux. Nem tão pouco pretendemos repensar este conceito, como já o fizeram tantos estudiosos, seguidores de teorias distintas, a exemplo de Maingueneau (2003², 2005, 2006) Baronas (2004), Gregolin (2004a/b), Orlandi (2003, 2001), Fernandes (2005) dentre muitos outros. Meu objetivo é compreender este conceito, para, só então, posicionar-me em relação ao mesmo. Considerado enigmático por muitos e indefinido por tantos outros, este conceito, ainda assim, se faz presente em muitas produções acadêmicas, principalmente aqui no Brasil. Razão porque formar uma opinião a respeito é um desafio, que surgiu em 2007, ocasião em que fui instigada pela professora Dra. Judith Chambliss Hoffnagel (PPGL/UFPE), ministrante da disciplina Metodologia da Pesquisa Lingüística, a dizer qual era meu entendimento a respeito do conceito em debate. Naquela ocasião, após calorosa discussão, a professora, ao final de minha explanação, afirmou que a pergunta que me fizera tratava-se pura e simplesmente de uma provocação, visto que o que estava em questionamento era um conceito estimulador de polêmicas intermináveis.

Nosso ponto de partida é delineado em Baronas (2004), quando este põe em dúvida a “paternidade” do conceito em questão: Foucault ou Pêcheux? Até essa leitura defendíamos (sem titubear) a tese que a noção de formação discursiva surgira pela primeira vez em *A arqueologia do saber*. Baronas, é bem verdade, não nega esta versão, entretanto admite a possibilidade de uma outra versão, aquela que afirma que o conceito de formação discursiva teria sido enunciado em 1968, no *Cahiers pour l'analyse* número 9, em nota de pé-de-página, em um artigo de Antoine Culioli, Michel Pêcheux e Catherine Fuchs. Logo, considerando este pressuposto, alguns estudiosos afirmam que este conceito não poderia ter surgido em *A arqueologia do saber*, uma vez que sua publicação data de 1969. Existe também a possibilidade, ainda de acordo com Baronas (*ibidem*, p. 53-4), de este “conceito ter derivado do paradigma marxista *formação social*, *formação ideológica* e, a partir daí, *formação discursiva*”. Todavia, qualquer que seja a “origem”, visto que este não é o ponto em questão, até porque a “originalidade” não é uma discussão pertinente para Foucault, o fato é que “somente em 1977³ é que Pêcheux explica a retomada e re-elaboração que faz do conceito de formação discursiva” (*op cit*). Pouco tempo depois, a partir dos anos 80, a noção de formação discursiva sofreu um certo declínio. Marginalizada, por alguns, esta noção é testemunha de um desvio da Análise do Discurso. Mas, retomemos o que nos interessa, nesta ocasião.

1. FORMAÇÃO DISCURSIVA: A PONTA DO ICEBERG

A partir das leituras realizadas, verificamos que falar de formação discursiva é, no mínimo, vislumbrar apenas a ponta do *iceberg*, visto que este conceito faz parte de toda uma trama conceitual: “enunciado, formações discursivas, conjunto de enunciados (discurso), práticas discursivas, *a priori* histórico, positividade, arquivo...” (Gregolin, 2004a, 91).

Desses conceitos, três são considerados “os pilares que sustentam o método arqueológico”: *enunciado*, *formação discursiva* e *arquivo*, afirma Gregolin (2004b, p. 14-5). Entretanto, nesta

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras em Recife (PE).

² MAINGUENEAU, Dominique. Au-delà des formations discursives: les unités de língua'analyse du discours. 2003 (mimeo). Citado por Baronas (2004).

³ *Remontons de Foucault à Spinoza* (1977).

ocasião, nos limitaremos a tentar compreender a constituição do sintagma formação discursiva. Para tanto, procuraremos refazer o trajeto realizado pela formação discursiva em sua história conceitual, a partir de uma revisão bibliográfica. Assim, elegemos como elementos norteadores desta pesquisa, as questões seguintes: (a) o que é formação discursiva? e (b) como delimitar duas ou mais formações discursivas?

Embora Baronas suscite algumas dúvidas, a respeito da “paternidade” do conceito formação discursiva (como já foi comentado), tomaremos Foucault como ponto de referência. Nossa posição justifica-se porque ainda que Pêcheux tenha enunciado este conceito em 1968, por conseguinte, antes do lançamento da obra *A arqueologia do saber*, porém foi só em 1977 que este estudioso reata e reorganiza tal conceito, ainda que, de acordo com Sargentinni e Navarro-Barbosa (2004, p. 13), “mantendo o vínculo com a noção de ideologia”. Além do mais, de acordo com Grangeiro (acessado em 28.07.08), “em vários dos seus textos, Michel Pêcheux afirma que o conceito de formação discursiva com o qual trabalha é emprestado de Foucault”. Este concebe as formações discursivas não em termos de ideologia, mas em termos de saberes/poderes, perspectiva esta por demais contestada pelos marxistas authusserianos. Já Pêcheux, ao trazer para a Análise do Discurso a noção de formação discursiva, o faz relacionando-a à luta de classes, por conseguinte, à questão da ideologia. “Tratava-se, segundo o próprio Pêcheux, de extrair da noção de Foucault o que ‘ela tinha de materialista e revolucionária’, justamente a concepção foucaultiana de discurso como prática”, prossegue Grangeiro (*op cit*). Para Pêcheux as formações discursivas existem historicamente, perspectiva esta bem diferente de Foucault, “que relaciona as formações discursivas com as formações sociais, sem considerar a divisão de classes”, nas palavras de Coracini (2005, p. 34).

Optar por Foucault como ponto de partida é, pois, mais um desafio que se nos apresenta, dada a complexidade da sua obra. Provavelmente esta complexidade seja provocada pela “grande variedade dos campos de investigação, a espantosa escritura barroca, os empréstimos de outras disciplinas, as voltas e reviravoltas, as mudanças de terminologias, a vocação simultaneamente filosófica e jornalística”, dificuldades estas que nos impulsionam a continuar, a procurar vencer todas as barreiras de um vocabulário que se apresenta ora com “conceitos filosóficos herdados de outros pensamentos”, ora com “a criação de conceitos inéditos”, e, não raramente, “a elevação de termos emprestados da linguagem comum à dignidade filosófica” (Revel, 2005, p.7).

Assim, evocando, a princípio, Foucault (2007, p. 43), podemos afirmar que no caso em que se puder descrever um sistema de dispersão, ocorrido entre um certo número de enunciados, e em sendo possível definir uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, “diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*”. Em outros termos, conforme Machado (2006, p. 146), ratificando o pensamento foucaultiano, “um discurso, considerado como dispersão de elementos, pode ser descrito como regularidade, e, portanto, individualizado, descrito em sua singularidade”. A partir desta proposta, o termo discurso poderá ser fixado como “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação”. É a partir deste conceito que, segundo Foucault (2007, p. 122), é possível falar-se em “discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico”, discurso humorístico...

Verificamos, pois, que o conceito de formação discursiva exige a elucidação dos conceitos de *dispersão*, *regularidade* e *enunciado*. Dizer que os discursos são uma dispersão significa dizer que eles são “formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade *a priori*, cabendo à Análise do Discurso descrever essa dispersão, buscando as ‘regras de formação’ que regem a formação dos discursos”, nas palavras de Grangeiro (acessado em 28.07.08). A descoberta dessas regras, de acordo com Machado (2006, p. 146), “caracteriza o discurso como regularidade e delimita o que Foucault chama de formação discursiva”. Dito de outra maneira, um sistema de regras de formação determina uma “formação discursiva”. Constatamos, portanto, que a noção de unidade vincula-se a de dispersão, pois, “como argumenta Foucault, todo discurso resulta de um *já-dito* (não sabido, apagado) e esse *já-dito* (re)aparece transformado em um *jamais-dito*, como continuidade de acontecimentos e discursos que se dispersam no tempo” (Fernandes, 2005, p. 52-3). Constatamos, ainda seguindo a linha de raciocínio de Fernandes, que “unidade e dispersão implicam-se, não se opõem, e uma formação discursiva tem sua regularidade pela constância de unidades *inteiramente formadas*”.

Assim, para entender a regularidade é preciso não perder de vista que a formação discursiva determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Por conseguinte, de acordo com Mussalim (2001, p. 119), uma formação discursiva “é marcada por regularidades, ou seja, por ‘regras de formação’, concebidas como mecanismos de controle⁴ que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva”. Ao definir-se em relação a outras formações discursivas (o externo), uma formação discursiva será sempre invadida por discursos outros (de uma construção anterior e exterior). É, portanto, por esta possibilidade de uma formação discursiva ser “um espaço atravessado por outras formações discursivas que Foucault a concebe como uma dispersão”, repetindo Mussalim. E esta estudiosa conclui: “o papel do analista do discurso seria descrever essa dispersão buscando estabelecer as regras de formação de cada formação discursiva” (*op cit*).

E quanto ao enunciado? Interpretando o pensamento foucaultiano, Gregolin (2004b, p. 24) esclarece que “o enunciado (ou a função enunciativa) é a unidade elementar do discurso”. E, como tal, se distingue de outras unidades: frase, proposição, atos de linguagem (os *speech acts*). “Entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história, que envolve a própria materialidade do enunciado” (*ibidem*, p. 26-7). E Foucault (2007, p. 132) assevera: “enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva”. Daí concordarmos com Fernandes (2005, p. 54) quando este afirma que “os enunciados, compreendidos como elementos integrantes das regularidades discursivas (...), vinculam-se a enunciados que os precedem e os sucedem”. Também não podemos perder de vista que a idéia de formação discursiva, cunhada por Foucault, é de natureza ideológica, o que torna bem mais abstrata e complexa a sua concepção.

Assim, a tentativa de compreender este conceito, tem nos levado a recorrer vários estudiosos da obra foucaultiana e/ou pecheutiana, para, a partir destes, observar pontos de convergências e divergências, e, só então, tentar responder as questões que direcionam essa discussão.

2. FORMAÇÃO DISCURSIVA: ALGUMAS RELEITURAS

Orlandi (2003, p. 42-3), em *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, mesmo admitindo ser polêmico o conceito de formação discursiva, defende ser esta uma noção básica para Análise do Discurso, visto que “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Os sentidos, determinados ideologicamente, emergem das palavras, as quais “mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam”. Portanto, o sentido não está nas palavras, mas sim, nas “formações discursivas em que se escrevem”. As formações discursivas representam, portanto, no discurso, as formações ideológicas. Daí a formação discursiva ser definida por Orlandi como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Gregolin (2004a, p. 90-1), em *Foucault e Pêcheux na análise de discurso: diálogos e duelos* atesta que o conceito de formação discursiva foucaultiano tem “caráter teórico-metodológico e institui o território da História como o campo das formações discursivas: nelas se encontram o discurso, o sujeito e o sentido”. Tal perspectiva, repetindo Gregolin, não está “longe das formulações da análise do discurso de Pêcheux”.

Para Brandão (2004, 47-50), em *Introdução à análise de discurso*, “a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas”. Por conseguinte, para esta pesquisadora, “a noção de FD representa na AD um lugar central da articulação entre língua e discurso”. Em busca da “homogeneidade discursiva”, as formações discursivas “determinam ‘o que pode e deve ser dito’ a partir de uma posição dada” em uma dada conjuntura histórica. “Esta tese tem incidência sobre a semântica porque ‘as palavras ‘mudam de sentido’ passando de uma *formação discursiva* para outra’”, afirma Pêcheux (1990, p. 102), citado por

⁴ Ver capítulo “Língua e ensino: políticas de fechamento”, no mesmo volume, que também aborda estes mecanismos.

Maingueneau (1997). É, pois, a formação discursiva que permite que sujeitos falantes concordem ou discordem sobre o sentido a dar às palavras. Dito de outro modo, por Brandão (*op cit*), “falar diferentemente falando a mesma língua”. Daí esta pesquisadora afirmar que numa formação discursiva o que se tem é “várias linguagens em uma única”.

Formalmente a noção de formação discursiva envolve dois tipos de funcionamento: o conflito entre o *mesmo* e o *diferente*, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia, sob a ótica de Orlandi (2001, p. 27). A pesquisadora explica que, de um lado, “há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado” (o processo parafrástico) e, de outro, “há no texto uma tensão que aponta para o rompimento” (o processo polissêmico). Brandão (2004, p. 48) complementa essa idéia afirmando que “a paráfrase é um mecanismo de ‘fechamento’, de ‘delimitação’ das fronteiras, de uma formação discursiva”, enquanto que “a polissemia rompe essas fronteiras, ‘embaralhando’ os limites entre diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentido”.

Ferreira (2001, p. 15), em seu *Glossário de termos do discurso*, assegura ser a formação discursiva uma “manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica”. Regulando o que “o sujeito pode e deve dizer” e o que “não pode e não deve ser dito”, funciona como “lugar de articulação entre língua e discurso”. A pesquisadora acrescenta que entre “formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança”. Ela esclarece que esta noção tem por base o conceito foucaultiano (1987/2007), que em sua releitura diz que “sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva”.

Fernandes (2005, p. 48-55), em *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, a exemplo de muitos estudiosos, também defende que uma formação discursiva “revela formações ideológicas que a integram”. Assim, para este pesquisador, falar de formação discursiva é ter em mente “ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas”. Entretanto, Fernandes tem a preocupação de esclarecer que uma formação discursiva “não se limita a uma época apenas”, acrescentando que “elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais”, portanto, “em outros momentos históricos”, podem se fazer “presentes sob novas condições de produção”. Estes elementos estariam “integrando novo contexto histórico”, possibilitando, por conseguinte, “outros efeitos de sentido”. Uma formação discursiva coloca pois “em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico”.

Trata-se, ainda de acordo com Fernandes (*ibidem*, p. 60), de “explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações”. Isto ocorre porque, retomando o pensamento foucaultiano, todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem. Portanto, toda formação discursiva apresenta, em seu interior, ainda nas palavras de Fernandes, a presença de diferentes discursos, ao que, na *Análise do Discurso*, denomina-se interdiscurso. “Trata-se de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (*op cit* p. 49). Podemos, portanto, afirmar, concordando com Grangeiro (acessado em 28.07.08), que no “interior de uma mesma formação discursiva coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem e convergem”. Dito pelo próprio Pêcheux (1995, p. 57), uma formação discursiva “é constitutivamente freqüentada por seu outro”. É, pois, o interdiscurso esse “outro” da formação discursiva. Assim sendo, a noção de interdiscursividade pode ser entendida como o escopo da *Análise do Discurso*, uma vez que relaciona-se com outras questões cardeais, tais como: a memória discursiva e a relação do interdiscurso com o intradiscurso. A memória discursiva é entendida como a relação da linguagem com os processos sócio-históricos. Já a relação do interdiscurso com o intradiscurso trata de várias outras questões, dentre elas a posição do sujeito do/no discurso.

“A formação discursiva aparece, então, inseparável do *interdiscurso*”, este é o ponto de vista defendido por Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 240-1), no *Dicionário de análise do discurso*. Logo, não é possível considerar-se a formação discursiva como “um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares (i.e., de outras formações discursivas) que nela se repetem”, afirma Pêcheux (1983, p. 297), citado neste Dicionário.

Fairclough, um dos principais integrantes da corrente da Análise de Discurso Crítica, por conseguinte, um dos críticos da perspectiva que se convencionou denominar Análise do Discurso francesa, em *Discurso e mudança social* (2001, p. 64-5), faz referência ao conceito de formação discursiva a partir da noção foucaultiana, a exemplo da maioria dos estudiosos, interpretando-a como “sistemas de regras que tornam possível a ocorrência de certos enunciados, e não outros, em determinados tempos, lugares e localizações institucionais”. Essas regras são constituídas, nas palavras desse estudioso, por “combinações de elementos discursivos e não-discursivos, e o processo de articulação desses elementos faz do discurso uma prática social”. Foucault usa a expressão prática discursiva, isto é, o processo de produção, distribuição e consumo de textos.

Na abordagem de Fairclough, trabalhar com formações discursivas implica usar um outro recorte, o de *ordem do discurso*; termo também emprestado da perspectiva foucaultiana. Apoiando-se em Fairclough, Costa (2006, p. 153) afirma que “é nesse recorte empírico, a ordem, o conjunto de práticas, que se podem analisar as relações entre as formações, o modo como são geradas, transformadas e limitadas permanentemente”. Ou seja, “as formações discursivas não têm um limite empírico; as ordens, sim”.

Retomando Fairclough (2001), para o mesmo, na base da noção de formação discursiva estão os processos de *intertextualidade* e de *interdiscursividade*. Este entendido como o modo pelo qual as práticas de linguagem não apenas se formam a partir de outras práticas, como também se definem na sua relação com essas outras práticas. E aquele percebido como a maneira como os textos são retomados.

Maingueneau, em *Gênese dos discursos* (2005, p. 20), defende que é preciso “explicitar uma distinção conceitual inicial entre *superfície discursiva* e *formação discursiva*”. Esta diz respeito à formação semântica e aquela, à conjuntos de enunciados, ainda de acordo com este estudioso. Esse último conceito (superfície discursiva) corresponde, então, mais ou menos, ao que Foucault chama de *discurso*, esclarece o pesquisador. Questionado pela Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL (2006), em entrevista, a respeito do conceito de formação discursiva, Maingueneau argumenta:

“a noção de formação discursiva é muito imprecisa, como mostra o fato de que ela foi empregada tanto por Michel Pêcheux como por Michel Foucault, e com sentidos bastante diferentes. Nem mesmo se tem certeza de que ela tenha tido um significado claro nesses dois autores. Hoje, para trabalhar em AD, me parece que se tem interesse em trabalhar com noções mais precisas. Eu propus restringir o emprego dessa noção a certas “unidades”; assim, quando falamos de “discurso patronal”, “discurso racista”, “discurso da publicidade para as mulheres”, etc., o termo formação discursiva seria útil”.

Maingueneau ainda defende (*op cit*) que todas as questões que envolve a noção de formação discursiva diz respeito à terminologia. São tão variadas as noções atribuídas a esse sintagma que ele sugere que “cada um pode empregar ‘formação discursiva’ como bem entende, com a condição de que haja uma proposta bem clara de definição. O que nem sempre é o caso”.

Palavras finais

Fazer esse estudo a respeito do conceito de formação discursiva nos levou a concluir que enveredamos em um labirinto, que como tal nos leva a caminhos em diversas direções. Ou seja, estudar formação discursiva é, principalmente, tentar elucidar vários outros conceitos, quais sejam: *dispersão*, *regularidade* e *enunciado*; *discurso*, *sujeito* e *sentido*; *paráfrase* e *polissemia*; *interdiscurso* e *intradiscurso*; *intertextualidade* e *interdiscursividade*. Ainda é preciso considerar como elementos importantes dessa trama conceitual as *formações ideológicas*, o território da *História* e a *memória discursiva*. É o envolvimento de tantos conceitos que torna impreciso e complexo o conceito de formação discursiva. Também não é possível ignorar a dupla paternidade, Foucault e Pêcheux, que aponta para caminhos paralelos. Por exemplo, a existência das formações discursivas é histórica, para Pêcheux. Para Foucault, as formações discursivas se relacionam com as formações sociais.

Logo, podemos conceituar formação discursiva como um emaranhado de conceitos. Assim sendo, se queremos delimitar duas ou mais formações discursivas, temos que trabalhar, com precisão, as noções que compõem esse emaranhado. Daí porque muitos questionam se algum dia este conceito apresentou-se com significado claro e objetivo.

Desta maneira, fazemos das palavras de Maingueneau (2006) as nossas: são tão variadas as noções atribuídas a esse sintagma que “cada um pode empregar ‘formação discursiva’ como bem entende, com a condição de que haja uma proposta bem clara de definição”. Portanto, em nossa opinião o analista do discurso, a partir do seu *corpus* pode tomar um ou mais desses conceitos que formam a trama, selecionando aquele(s) que irá permiti-lo alcançar o objetivo de sua pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, Vanice e Pedro Navarro-Barbosa. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos (SP): Claraluz, 2004, p. 45-62.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise de discurso*. 2. ed. Campinas (SP): EdUnicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Fabiana Komesu [trad.]. São Paulo: Contexto, 2004.
- CORACINI, Maria José R. F. No limiar das dúvidas e (in)certezas. In: *Estudos da língua(gem): Michel Pêcheux e a Análise do Discurso / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*. n. 1 (Junho de 2005), Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005, p. 31-40.
- COSTA, Alexandre. Arqueologia da formação do professor de português: das práticas de letramento à formações discursivas. In: SILVA, Denize Elena Garcia da (org.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Izabel Magalhães [coord. trad.]. Brasília: EdUnB, 2001.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005 (Coleção Sala de Aula).
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (coord.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Luiz Felipe Baeta Neves [trad.]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 (Coleção Campo Teórico).
- GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. Acesso em: 28/07/2008. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/claudiagrangoiro.pdf>.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004a.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice e Pedro Navarro-Barbosa. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos (SP): Claraluz, 2004b, p. 34-44. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/claudiagrangoiro.pdf> - Acesso em: 28/07/2008.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique (1997). *Os termos-chave da análise do discurso*. Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva [trad.]. Lisboa: Gradiva.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 (www.revel.inf.br)
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Sírio Possenti [trad.]. Curitiba (PR): Criar, 2005, 189 p.
- MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas (SP): Pontes, 2001.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas (SP): Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995.
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanês [trad.]. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos (SP): Claraluz, 2004.